



Apresentação

Programa Etnomatemática: uma perspectiva cognitiva de/em grupos de estudo e pesquisa

“O indivíduo não é só.”¹ Esta afirmação de D’Ambrosio demarca um ponto fundamental na compreensão “Do Individual ao coletivo” enquanto processo inerente à dimensão cognitiva do Programa Etnomatemática, primordialmente à relação entre conhecimento e comportamento no complexo e dinâmico fenômeno “vida”.

Isoladamente, entretanto, a frase é muito óbvia e soa até ingênua. Na mais tenra idade, antes de termos consciência do que o coletivo nos representa, antes de uma interpretação racional acerca de nós mesmos, do outro e do mundo à nossa volta — da essencialidade do “triângulo primordial” —, já vivenciamos a importância do outro em nossa vida. Nascemos e nos formamos biológica e socioculturalmente em relações simbióticas com outros imersos em mesmos “universos” compartilhados.

E a importância de não ser só vai ficando mais clara quando os processos educacionais diversos, formais ou não, nos põem em contato com outros para a realização de atividades. Nessas atividades, começamos a entender que há um “eu” especial e único e que há outro(s) com as mesmas qualidades, e que somos bem diferentes nos gostos, aptidões etc., possibilitando, assim, a (co)existência das diferenças e exigindo de todos uma convivência em busca da PAZ.

Quando realizamos trabalhos em grupo na escola básica, seja de professores ou de estudantes ou mistos, aprendemos que essas diferenças individuais se complementam no coletivo, pois, por exemplo, podemos ser muito afins com as matemáticas, mas haverá outro que se encanta pelas histórias, outro, pelas artes, e assim, sob múltiplos olhares e afinidades, vamos desenvolvendo e somando nossas habilidades com as dos outros e vivenciando a

¹ D’Ambrosio, Ubiratan. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 5.

transdisciplinaridade que se manifesta na ação comum. Sabemos que a sinergia entre os membros de um grupo é condição ao êxito do cumprimento da atividade proposta, que um vai dedicar-se mais a um conteúdo, outro fará melhor do que ninguém os cartazes ou as apresentações em *slides*, outro irá sistematizar os conteúdos num belo trabalho escrito e ilustrado a ser entregue, outro produzirá um vídeo com muita facilidade, outro fará fluir uma brilhante apresentação oral do trabalho coletivo.

Sim, é na prática de atividades em grupo que aprendemos a importância de nos construirmos ancorados no “respeito, solidariedade e cooperação” e de estabelecermos uma “ética da diversidade”. E não apenas na escola, mas em todas as instâncias da vida. Na escola, no entanto, nossas ações individuais e coletivas nem sempre são valorizadas de forma integral e, lamentavelmente, tentam nos aprisionar nas gaiolas epistemológicas disciplinares que selecionam os bons e os maus nessa ou naquela disciplina e afunilam os conhecimentos múltiplos desenvolvidos pelo grupo para valorizar apenas o filtrado dos currículos formais.

Assim, aprendemos que aprender em grupo não apenas nos possibilita compartilhar nossas aprendizagens individuais, como também construir, validar e desenvolver conhecimentos potencial ou utilitariamente significativos ao bem estar comum, à valorização de nossas raízes culturais e da dinâmica de encontros com outras culturas, à nossa vivência, convivência e transcendência. E na academia, o sentido de grupo não é diferente.

O processo de cada indivíduo gerar conhecimento como ação a partir de informações da realidade é também vivido por outro, no mesmo instante. [...] os momentos vividos pelos dois indivíduos em presença são mutuamente enriquecidos graças à comunicação, que permite que ambos tenham informações enriquecidas pela informação que lhe é comunicada pelo outro. (D'Ambrosio, 2013, p. 57-58).

Os grupos acadêmicos de estudo e pesquisa emergem, também, do reconhecimento de nossa incompletude e de nossa sede incessante de conhecimento. Afinal, o trabalho em grupo tem uma importância inquestionável à vida. De um modo geral, ele expressa a nossa condição de não estar só, de não viver só, independentemente de nossas individualidades e peculiaridades pessoais. *Etnomatemáticamente*, ele pode ser caracterizado como um “grupo cultural bem identificado” no contexto acadêmico.

O Programa Etnomatemática é transdisciplinar e transcultural e vem despertando interesses investigativos por objetos de estudo muito especiais e de lócus muito distintos,

promovendo encontros de sistemas culturais e suas EtnoMatemaTicas. Os grupos de estudo e pesquisa, além das publicações e eventos da área, têm sido uma evidência disso.

Ao promover uma dinâmica de interação entre o sistema cultural acadêmico e outros nos quais estão imersos pesquisadores e sujeitos da pesquisa, a Etnomatemática vem estabelecendo diálogos importantes decorrentes da exposição mútua e, na perspectiva da “ética da diversidade”, vem intensificando manifestações interculturais. São exemplos as pesquisas voltadas para a valorização de raízes culturais e de conhecimentos próprios de diversos grupos, para as diversas manifestações profissionais, para dar voz a minorias e conter a hegemonia de um sistema sobre outro(s).

Como diz D’Ambrosio (2013, p. 59), “mesmo dominadas pelas tensões emocionais, as relações entre indivíduos de uma mesma cultura (intraculturais) e sobretudo as relações entre indivíduos de culturas distintas (interculturais) representam o potencial criativo da espécie.”. Assim, orientar-se teoricamente pelo Programa Etnomatemática prescinde do reconhecimento de que “na diversidade cultural reside o potencial criativo da humanidade”. (ibidem, p. 59).

EtnoMatemaTicas: o que fazem os grupos de estudo e pesquisa?

Responder a esta pergunta é um dos propósitos da Edição Especial *EtnoMatemaTicas: grupos de Estudo e Pesquisa*. Para tal, foram convidados líderes de grupos que explicitamente têm denominação Etnomatemática para externarem reflexões acerca dos próprios grupos sob suas lideranças.

Sabemos que Etnomatemática está em muitas linhas de pesquisas e que a limitação colocada nesta Edição Especial deixa de fora muitos grupos que a tomam como referência. Mas havemos de convir que seria um trabalho muito amplo e bem diferente do que nos propusemos para a edição ora publicada, haja vista que o número de artigos, mesmo que volumoso, não seria representativo o suficiente do público almejado. Assim, como primeira proposta, a denominação Etnomatemática tornou-se o aspecto-chave da participação do grupo nesta publicação.

Considerando a abrangência internacional do Programa Etnomatemática, não poderíamos nos restringir aos grupos brasileiros, embora todos estes formalmente existentes tenham sido convidados. No exterior, receberam convites todos cuja existência chegou ao nosso conhecimento no período que antecedeu a avaliação dos artigos. Desse modo, a revista

e-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis, volume 2024 de número 2 deste ano, reúne ideias e perspectivas de grupos dedicados exclusivamente às EtnoMatemaTicas, independentemente de sua condição oficial, institucional, de sua concepção de Etnomatemática e, obviamente, do contexto cultural onde o grupo, seus objetos e objetivos estejam inseridos. Assim, esta Edição Especial “EtnoMatemaTicas: grupos de Estudo e Pesquisa” entrega ao público e afins com o Programa Etnomatemática 12 artigos do Brasil, África do Sul, Angola, EUA, Moçambique e Nepal, cujo objeto de reflexão é o grupo de estudo e pesquisa que explicitamente tem denominação Etnomatemática, assinados por seu(s) líder(es).

Iniciaremos a apresentação pelos grupos nacionais. Antes de convidarmos os seus primeiros líderes, selecionamos os grupos que formalmente constavam no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e encontramos 12 registros, um número bem animador para ilustrar respostas à nossa questão principal: o que fazem os grupos brasileiros de estudo e pesquisa em EtnoMatemaTicas?.

No Brasil, o CNPq possui um Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP)² que se constitui, segundo este, “no inventário dos grupos de pesquisa científica, tecnológica e inovadora em atividade no País”, sendo condição prévia para participação “o exercício permanente de atividades de pesquisa e/ou inovação numa instituição”. Na perspectiva deste Diretório, um grupo de pesquisa é “um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças”. Ou seja, os grupos brasileiros formais de estudo e pesquisa têm vínculo institucional e, no máximo, dois líderes. Mas o DGP tem alguma flexibilidade ao incluir alguns grupos por ele considerados atípicos, isto é, “cujo perfil apresenta afastamento estatístico relevante em relação ao perfil médio dos grupos”, a exemplo de grupos unitários, grupos com mais de dez pesquisadores ou dez linhas de pesquisa, grupos dos quais o líder não é doutor etc.

No entanto, como veremos adiante, apenas sete grupos brasileiros constarão nesta edição. Com maioria de aproximadamente 60%, dentre os cadastrados no DGP na época dos envios dos convites, podemos considerar um número representativo da pesquisa em Etnomatemática em nosso país.

Os grupos internacionais tiveram um outro caminho até chegarmos a eles e a seus líderes. Como não há um órgão inventariante de tais grupos, o primeiro a ser contatado foi o

² Citações do parágrafo selecionadas do DGP, disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

International Study Group for Ethnomathematics (ISGEm), presidido atualmente por Milton Rosa, editor da ISGEm Newsletter e um dos editores do Journal of Mathematics and Culture. No ISGEm, constatamos a ligação de dois grupos com o perfil demandado, um dos EUA e outro da África, sendo que apenas este último respondeu positivamente ao nosso convite.

Não há como falar de Etnomatemática sem nos reportarmos à África. Temos as experiências de construções conceituais de D'Ambrosio em suas estadas no Mali, temos a marcante presença de Paulus Gerdes, especialmente em Moçambique, e sabemos o quanto o Programa Etnomatemática tem se prestado à valorização das raízes culturais africanas em todo o mundo, às lutas antirracistas e aos movimentos decoloniais. A Etnomatemática tem motivado tanto os africanos, que um dos autores carinhosamente se autoconvidou e ainda contribuiu na viabilização do contato com outro grupo. Claro, imediatamente ambos receberam o nosso convite como os demais. Também não há mais como pensar em pesquisa em Etnomatemática sem considerar o grupo ativo do Nepal, Ásia.

Além desses, um grupo atuante e fixado na Espanha também foi convidado, mas sua líder aposentou-se recentemente e, na época do convite, estava impossibilitada de contribuir com uma produção; outro da América Latina não deu retorno. Isso justifica a ausência da Europa e da língua espanhola nesta publicação.

Vale salientar que líderes de 20 grupos foram nominalmente convidados. Apenas um não deu retorno e três justificaram e declinaram do convite. Os demais aceitaram, mas, infelizmente, por motivos diversos, quatro não continuaram no processo e, assim, findamos com doze. Aceito o convite, o líder recebia o documento com as orientações para a escrita do artigo³. Ressaltamos que, diante da impossibilidade do anonimato dos autores e na busca de processos mais identitários, a avaliação foi do tipo revisão por pares, sem reprovação, mas com sugestões e solicitações dos avaliadores anônimos seguidas de revisões dos autores.

Diante do exposto, fechamos com uma Edição Especial internacional, bilíngue, composta de 12 artigos, sendo cinco referentes a grupos estrangeiros e sete, conforme mencionado, nacionais. Em língua portuguesa, somam aos brasileiros dois de procedência

³ Normas&Orientações - Português:

https://drive.google.com/file/d/14uS1kg32hOSXa9D8PftDNJ9bGP43l_x1/view?usp=sharing

Rules&Guidelines - English:

https://drive.google.com/file/d/15WHFUVIK0roSjFQxWDEU_A65OA9YK0fA/view?usp=sharing

africana, de Angola e de Moçambique; na língua inglesa, há três artigos, sendo um da África do Sul, outro dos EUA e outro do Nepal.

A convite, um artigo especial assinado por Roger Miarka, um dos consultores da revista, constitui a Seção-Destaque que antecede e se integra ao *corpus* desta publicação. Assim, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática (GEPETno), inativo atualmente, está aqui contemplado, considerando sua importância histórica para o tema e a ativa participação de Ubiratan D'Ambrosio que, nos últimos anos de atividade, compartilhou a liderança com Miarka. A Seção-Destaque desta Edição Especial, portanto, presta uma homenagem a Ubiratan D'Ambrosio.

Considerando a realidade da pesquisa hoje em Etnomatemática e a palavra conceitual Etno+Matema+Tica constar na denominação do grupo, avaliamos que, no cenário mundial, os 12 grupos são representativos ao propósito desta Edição Especial no que se refere a conhecer e dar conhecimento sobre o que fazem os grupos de estudo e pesquisa voltados para as EtnoMatemaTicas.

Grupos de Estudo e Pesquisa em EtnoMatemaTicas: (auto)reflexões e experiências

Os grupos de Estudo e Pesquisa em EtnoMatemaTicas participantes desta Edição Especial trazem como objeto de reflexão os seus próprios grupos que explicitamente têm denominação Etnomatemática. Sendo grupos procedentes do Brasil e do exterior, não foram considerados os aspectos que os levaram ao DGP, servindo este apenas de referência para coleta de dados e contatos no país. Os demais seguiram, conforme já justificado, um curso totalmente diferente para serem convidados.

Os sete artigos brasileiros estão organizados em ordem alfabética de suas siglas, a saber: GEPEm, GEPEPUCRS, GEtCiMat, GETNOMA, GETUFF, GPEIND e GPEUfop. Como veremos adiante, as produções expõem e discutem histórias e experiências dos grupos e se mostram contributivas a estudos sobre o Programa Etnomatemática, sua abrangência na pesquisa, seu caráter polissêmico, sua diversidade de objetos e contextos e, obviamente, sua consolidação enquanto programa de pesquisa e teoria geral do conhecimento.

Referente ao *Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnomatemática* (GEPEm), o primeiro artigo, *Os 25 anos do GEPEm e o Programa Etnomatemática: produção de conhecimento em rede*, de autoria de Andréia Lunkes Conrado e Cristiane Coppe de Oliveira, objetiva analisar a

produção acadêmica do grupo, apresentando tentativas e focos mais privilegiados e discutindo “o modo de se constituir e produzir pesquisas do GEPEM, além de indicar as influências de seus líderes Maria do Carmo Domite e Ubiratan D’Ambrosio”.

Referente ao *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Etnomatemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (GEPEPUCRS)*, o segundo artigo, *Deslocamentos e subjetivações: itinerário de um grupo de estudos e pesquisas sobre Etnomatemática*, de autoria de Isabel Cristina Machado de Lara, objetiva “apresentar de modo genealógico os deslocamentos que atravessaram a constituição dos modos de pensar e conceber a Etnomatemática ao longo dos primeiros doze anos percorridos pelos pesquisadores do grupo”, considerando o Programa Etnomatemática, atravessamentos das perspectivas foucaultiana e wittgensteiniana, a pesquisa e propostas de ensino “com vistas ao protagonismo do estudante, à Matemática Humanista e à decolonialidade do saber”.

Referente ao *Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnociências e Etnomatemática da UFRRJ (GEtCiMat)*, o terceiro artigo, “*1 + 1 é sempre mais que 2*”: a colaboração no *Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnociências e Etnomatemática (GEtCiMat) da UFRRJ*, de autoria de Márcio de Albuquerque Vianna, apresenta concepções de trabalho coletivo, cooperativo e colaborativo do grupo em estudos acadêmicos e ações sinérgicas na pesquisa e na extensão universitária, visando contribuir para o desenvolvimento educacional das escolas da região e formação inicial e continuada dos professores “com base nas perspectivas da Etnomatemática, da Etnociência e da Educação Matemática Crítica, com um olhar cuidadoso no que tange às questões decoloniais nas práticas escolares”.

Referente ao *Grupo de Estudos e Pesquisas das Práticas Etnomatemáticas na Amazônia (GETNOMA)*, o quarto artigo, *Grupo GETNOMA: os desafios de implantação de um grupo de pesquisa na Amazônia*, de autoria de Osvaldo dos Santos Barros, apresenta “o processo de implantação e de produções acadêmicas” do grupo no interior da Amazônia, com o objetivo de “contribuir para a formação de professores de matemática, considerando-se as práticas culturais, a identidade e o pertencimento como essenciais no tratamento didático-metodológico da matemática, principalmente para as comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas e da zona rural”, motivações, parcerias e mídias sociais referentes.

Referente ao *Grupo de Etnomatemática da Universidade Federal Fluminense (GETUFF)*, o quinto artigo, *GETUFF: Duas Décadas de Contribuições para a*

Etnomatemática e Educação Matemática, de autoria de Maria Cecília Fantinato e Adriano Vargas Freitas, apresenta o grupo e sua trajetória, sua metodologia colaborativa, recortes de algumas produções de seus membros. O GETUFF dedica-se “à Etnomatemática que se destaca por suas contribuições na formação de professores e pesquisadores” com foco na Educação de Jovens e Adultos, abrangendo “temas como currículos escolares, educação quilombola, educação indígena e decolonialidade”.

Referente ao *Grupo de Pesquisa em Etnomatemática Indígena* (GPEIND), o sexto artigo, *Grupo de Pesquisa em Etnomatemática Indígena: espaço de interculturalidade e diversidade*, de autoria de Rhuan Guilherme Tardo Ribeiro, explica que o grupo se dedica “a investigar e promover estratégias educacionais que fortaleçam a Educação Escolar Indígena, com ênfase no Cone Sul do estado do Mato Grosso do Sul [...] partindo das perspectivas da Etnomatemática, das Etnociências e das interações com a Educação Especial e Inclusiva nos territórios indígenas e não indígenas”, visando promover a interculturalidade com perspectivas indígenas na educação.

Referente a *O Grupo de Pesquisa de Etnomatemática na Universidade Federal de Ouro Preto* (GPEUfop), o sétimo artigo, *Grupos de Pesquisa: Visões, Missões e Valores do GPEUfop*, de autoria de Daniel Clark Orey e Milton Rosa, faz uma reflexão acerca dos grupos de pesquisa em geral para apresentar o GPEUfop, “inserido no movimento contemporâneo que busca compreender os procedimentos, os fenômenos, os fatos e as técnicas matemáticas desenvolvidas pelos membros de culturas distintas, [...] contrapondo-se ao conhecimento matemático escolar ou acadêmico por meio de uma insubordinação epistemológica, que busca a decolonização”.

Quanto aos cinco artigos de grupos procedentes de fora do Brasil, estão organizados em duas partes, sendo os dois primeiros em língua portuguesa, de Moçambique e Angola, e os demais em língua inglesa, dos Estados Unidos, África do Sul e Nepal. Nessas produções, podemos constatar a marcante influência do Programa Etnomatemática ao redor do mundo, uma vez que há grupos da África, da América do Norte e da Ásia, e a continuidade do desenvolvimento do Programa, pois há contribuições que datam de aproximadamente 40 anos e outras ainda em prospecção.

O oitavo artigo, *Grupo de Estudos em Etnomatemática e Ciências da Faculdade de Ciências Naturais e Matemática da Universidade Pedagógica de Maputo: Caminhos,*

Percursos e Sonhos, de autoria de Elísio Machikane Tivane, Lemos Armando Ngovene e Leonardo Simão Banze, “descreve a trajetória [...] do Departamento de Pesquisa em Etnomatemática e Ciências [...] criado com a intenção de resgatar os saberes matemáticos nas tradições moçambicanas, valorizando deste modo o legado de Paulus Gerdes, antigo professor e Reitor desta instituição”.

O nono artigo, *Do romper do silêncio do subalternizado para o grupo de estudos interdisciplinares e pesquisas em cultura, inclusão, etnolinguística e etnomatemática da ESPE-Bié/Angola*, de autoria de Ezequias Adolfo Domingas Cassela, Henriques Dachala e Aristides Jaime Yandelela Cambuta, objetiva a oficialização do grupo como um espaço de encontro com o “Outro”, ao apresentar “vozes que se levantam a partir de seus espaços de luta em busca da liberdade contra as forças epistemológicas dominantes que nos aprisionam nas formas ocidentais de fazer pesquisa”, servindo-se “da visão política da Etnomatemática e da genealogia de poder defendida por Foucault”.

O décimo artigo, *Celebrating ISGEm: Four Decades Promoting the Internationalization of Program Ethnomathematics*⁴, de autoria de Milton Rosa, fala da importância da criação do grupo para o reconhecimento internacional do Programa Etnomatemática, destacando o objetivo de encorajar o seu crescimento “*with a solid research paradigm and serious recognition of how this program can guide policy in education, government, peace, and social justice.*”⁵.

O décimo primeiro artigo, *The History and Development of Ethnomathematics Research and Activities in South Africa*⁶, de Mogege Mosimege, relata a história e o desenvolvimento da Etnomatemática no país desde 1995, destacando progressos e desafios referentes e indicando “*what needs to be done to improve and advance ethnomathematical research interest and activities in South Africa*”⁷.

⁴ “Celebrando o ISGEm: Quatro Décadas Promovendo a Internacionalização do Programa Etnomatemática” (Tradução livre)

⁵ “com um sólido paradigma de investigação e um sério reconhecimento de como esse programa pode orientar as políticas em educação, governo, paz e justiça social.” (Tradução livre)

⁶ A História e o Desenvolvimento da Pesquisa e Atividades em Etnomatemática na África do Sul (Tradução livre).

⁷ “o que precisa ser feito para melhorar e avançar o interesse e as atividades de pesquisa em Etnomatemática na África do Sul.” (Tradução livre).

E o décimo segundo artigo, *Ethnomathematics of Damaru: Ethnomodeling from Local (Emic) and Global (Etic) Perspectives*⁸, de Jaya Bishnu Pradhan, Lok Bahadur Basnet, Bed Raj Acharya, apresenta um estudo investigativo de conceitos matemáticos na construção do Damaru, um artefato cultural da comunidade Chundara, ilustrando a integração da Etnomatemática e da etnomodelagem e concluindo que a incorporação dessas ideias etnomatemáticas “*into school curricula can enrich mathematics education by connecting abstract concepts to students' real-life experiences and cultural practices*”⁹.

Diante do apresentado, entendemos que o convite propiciou aos líderes-autores uma oportunidade de refletir acerca de suas próprias experiências, tendo como referência seus grupos e, principalmente, de comunicar ao mundo suas reflexões, sejam com base em uma história consolidada ou em um sonho a concretizar.

Mais que isso, os artigos, com conteúdos exclusivamente de responsabilidade de seus autores, podem inspirar a criação de novos grupos de estudos e pesquisas em EtnoMatemaTicas. Certamente, há espaços e cenários por esse mundo afora onde se faz necessária a intensificação da orientação etnomatemática. Paradoxalmente, necessidades e atendimento às necessidades nem sempre caminham juntos. Assim, falta comida a quem está com fome, falta PAZ aos que estão em guerra, falta ética aos que não sabem lidar com conflitos, falta uma adequada política pública de Educação aos que se encontram nas mais baixas condições socioeconômicas e aos que têm seus direitos humanos amargamente feridos, dentre tantas outras carências.

No Brasil, por exemplo, há carência de organizações similares em diversas partes do país, onde, de um modo geral, outras carências se fazem presentes. Assim, a região Sudeste parece refletir o privilégio do seu desenvolvimento socioeconômico com o maior número de grupos nesta Edição Especial, quatro; a região Nordeste, maior em número de estados, em afrodescendentes e em problemas socioeconômicos, não está contemplada nesta publicação; e as demais regiões, Norte, Sul e Centro-Oeste, contribuem com um artigo cada uma. Suspeitamos que onde residem esses paradoxos, há espaços para ações investigativas e educacionais etnomatemáticamente orientadas.

⁸ “Etnomatemática de Damaru: Etomodelagem sob Perspectivas Local (Emic) e Global (Etic)” (Tradução livre)

⁹ “nos currículos escolares pode enriquecer a educação matemática, ligando conceitos abstratos às experiências da vida real e às práticas culturais dos estudantes.” (Tradução livre).

Assim, expectamos que a revista e-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis, nesta Edição Especial *EtnoMatemaTicas: grupos de Estudo e Pesquisa*, multiplique ideias e inspire estratégias de ações coletivas em prol do bem comum e da sinergia dos elementos do “Triângulo Primordial”, ampliando a consciência do ser (substantivo+verbo) humano quanto à sua responsabilidade pela sustentabilidade e pelas ações utópicas que transcendem o nosso momento presente.

Olenêva Sanches Sousa
Adriano Fonseca
Milton Rosa
Brasil: Bahia, Tocantins, Minas Gerais.
Outubro de 2024.